

A educação das crianças pequenas nas cirandas infantis do MST

*Edna Rossetto*¹

Resumo

Este artigo discute as Cirandas Infantis Permanentes e Itinerantes do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, no intuito de situar como foi se constituindo essa prática educativa vivenciada pelas crianças, no processo de luta pela terra. A Ciranda constitui-se em um espaço de educação não formal mantida por Cooperativas, Centros de Formação e pelo próprio MST. Tais espaços têm como objetivos organizar as crianças Sem Terra em coletividades, desenvolver o trabalho educativo, cuja perspectiva é da emancipação humana. As Cirandas Infantis Itinerantes acontecem em algumas atividades do MST, tais como: cursos, marchas, reuniões, congressos e as Cirandas Permanentes são as que funcionam nos assentamentos, nas escolas e nos centros de formação do MST etc. O referencial teórico utilizado na pesquisa foi Florestan Fernandes (2004); Gobbi (2004); Finco (2004); Meszaros (2005); bem como os materiais produzidos pelo MST. Os procedimentos metodológicos foram definidos no intuito de compreender o funcionamento das Cirandas em seu interior, sua natureza, e o desenvolvimento de suas relações. Assim sendo, a coleta dos dados se deu por intermédio da articulação entre a pesquisa documental, a observação e a entrevista semi-estruturada. Os resultados da pesquisa indicam que as Cirandas Infantis constituem em espaços de possibilidades para as crianças participarem da coletividade, desde a infância. Desse modo, elas se configuram em espaços de construção do coletivo infantil, no qual as crianças aprendem a dividir partindo dos objetos desde os

¹ Edna Rodrigues Araujo Rossetto, Membro do Setor de Educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – Esse artigo escrito tem como base a minha pesquisa de mestrado na Faculdade de Educação da UNICAMP, que está intitulada “Essa Ciranda não é minha só, ela é de todos nós: A educação das Crianças Sem Terrinha no MST” Essa pesquisa versa sobre as Cirandas Infantis do MST, esta foi sob a Orientação da Prof^o Dr^a Ana Lúcia Goulart de Faria. Essa foi realizada entre os anos de 2007 a 2009. Dados para contatos: Edna Rodrigues Araújo Rossetto – ednarossetto@yahoo.com.br

mais simples como: o brinquedo, o lápis, o lanche, até compartilhar a vida em comunidade e, neste sentido, soma-se aos sonhos das crianças quilombolas, indígenas, ribeirinha e às sem tetos, na luta contra as desigualdades sociais, multiplicando assim as vitórias coletivas e, enchendo o campo e a cidade de alegria, sonhos, utopia; com possibilidade de construir uma educação emancipadora, vinculada a um projeto da classe trabalhadora, para todas as crianças do campo e da cidade.

Palavras-chave: ciranda Infantil; sem terrinha; educação infantil; movimento social; educação do campo.

Young learners' education on mst's riddles

Abstract

This article discusses kids' riddles on permanent and itinerant MST (a movement of landless rural workers in Brazil) aiming at investigating this practice of education experienced by children whose parents are struggling for a place to live. Riddles are part of non-formal education held by cooperatives, training centers and the MST itself. Such practice aims at organizing children in landless communities, developing educational work, whose perspective is human emancipation. The Itinerant riddles happen in some activities of the MST, such as courses, marches, meetings, congresses and the permanent riddles are those operating in MST's settlements, schools, training centers etc. The theoretical framework used in this research was Florestan Fernandes (2004), Gobbi (2004); Finco (2004), Meszaros (2005), as well as the materials produced by MST. The methodological procedures have been defined in order to understand the functioning of these riddles, their nature and development on their relations. The data was collected through documentary research, observation and a semi-structured interview. The survey results indicate that riddles are spaces that allow children to participate in the community since their childhood. Besides, they configure themselves by building the collective childhood in which children learn to share objects starting from simple things such as toys, pencils, snacks, up to sharing community life with other homeless children as the maroon, Indians and homeless. They struggle against social inequalities, thus multiply the collective victories and, fill the countryside and the city of joy, dreams, utopia, with the possibility of building an emancipator education, linked to a project of the working class, for all children in the countryside and the city.

Keywords: riddle; a landless children; young learners' education; social movement.

La educación de los niños pequeños en los corros infantiles del MST

Resumen

Este artículo discute los Corros Infantiles Permanentes e Itinerantes do MST- Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra, con el intuito de explicar cómo se constituyó esa práctica educativa vivida por los niños, en el proceso de lucha por la tierra. El Corro se constituye en un espacio de educación informal, mantenida por Cooperativas, Centros de Formación y por el propio MST. Estos espacios tienen como objetivo organizar a los niños Sin Tierra en colectividades, desarrollar el trabajo educativo, cuya perspectiva es de emancipación humana. Los Corros Infantiles Itinerantes suceden en algunas actividades del MST, como en: cursos, marchas, reuniones, congresos y los Corros Permanentes son los que funcionan en los asentamientos, en las escuelas y en los Centros de Formación del MST. El referencial teórico utilizado en la investigación fue Florestan Fernandes (2004); Gobbi (2004); Finco (2004); Meszaros (2005); asimismo, los materiales producidos por el MST.

Los procedimientos metodológicos se definieron con el intuito de comprender el funcionamiento de los Corros en su interior, su naturaleza y el desarrollo de sus relaciones. Siendo así, la colecta de los datos se hizo por intermedio de la articulación entre la investigación documental, la observación y la entrevista semi estructurada. Los resultados de la investigación indican que los Corros Infantiles constituyen espacios de posibilidad para que los niños participen de la colectividad, desde la infancia. De este modo, ellas se configuran en espacios de construcción del colectivo infantil, en el cual los niños aprenden a dividir, partiendo de los objetos más sencillos como: juguetes, el lápiz, la merienda, hasta compartir la vida en comunidad y, en este sentido, se suma a los sueños de los niños 'quilombolas' (esclavo que huía a los quilombos para refugiarse), indígenas, ribereño y a los sin casa, en la lucha contra las desigualdades sociales, multiplicando de esta manera las victorias colectivas y, llenando el campo y la ciudad de alegría, sueños, utopía; con posibilidad de construir una educación emancipadora, vinculada a un proyecto de clase trabajadora, hacia todos los niños del campo y de la ciudad.

Palabras clave: corro infantil; sin tierrita; educación infantil; movimiento social; educación del campo.

Introdução

*É um, é dois, é três, já aprendemos contar;
É quatro, é cinco, é seis, agora nós vamos parar;
Um tempo pra gente brincar, antes de chegar a mil;
Em nome da Reforma Agrária ai, ai, ai ;
Um viva a Ciranda Infantil, Viva*

Zé Pinto

A infância vivenciada pelas crianças do Brasil é decorrente de uma realidade muito complexa. A desigualdade social em nosso país é muito acentuada e isso afeta profundamente a infância. São poucas as famílias camponesas que têm condições de garantir esse tempo de vida das crianças para brincar, saltar, correr, estudar, etc. Desta forma, os Movimentos sociais também vêm se preocupando com esse tempo de vida das crianças. As Cirandas Infantis são um desses espaços organizados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST², nos assentamentos e acampamentos. Elas se constituem, ainda, um espaço de educação não formal;³ mantidas por Cooperativas, Centros de Formação e pelo próprio MST, o qual procura construir – com as crianças Sem Terra – um trabalho educativo. Assim, o MST (2004, p. 25) define a Ciranda Infantil como:

Um espaço educativo organizado, com objetivo de trabalhar as várias dimensões de ser criança Sem Terrinha, como sujeito de direitos, com valores, imaginação, fantasia, vinculando as vivências do cotidiano, as relações de gênero, a cooperação, a criticidade, e a autonomia (...). São espaços educativos intencionalmente planejados, nos quais as crianças aprendem, em movimento, a ocupar o seu lugar na organização de que fazem parte. É muito mais que espaços físicos, são espaços de trocas, aprendizados e vivências coletivas.

² Ao me referir ao MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, utilizarei a palavra Movimento, com M maiúsculo ou MST, com todas as letras maiúsculas.

³ Para o MST educação não formal é aquela que não está vinculada ao sistema educacional do país e a educação formal é a oficial do país. Neste sentido, a prática educativa das Cirandas Infantis não constitui uma política pública de Estado. Ela apresenta elementos significativos para a construção de uma política pública de educação infantil do campo.

As crianças com as quais desenvolvemos esta pesquisa são sujeitos que participam diretamente no processo de luta pela terra juntamente com toda a sua família. Mas também, são crianças que cantam, brincam, pulam, gritam, choram, brigam com seus colegas.

Para a coleta de dados, realizamos entrevistas com os dirigentes, com os pais e mães das crianças, como os educadores e educadoras da Ciranda Infantil e com as crianças. As questões versaram sobre o percurso da Ciranda Infantil, as dificuldades, os desafios, as brincadeiras das crianças, o que elas mais gostam de fazer na Ciranda Infantil. Ainda fizemos observações que foram registradas em um diário de campo, como também, as reflexões em torno do objeto, tendo o seguinte objetivo: estudar o ambiente, os comportamentos individuais e coletivos, a linguagem verbal e não-verbal e os acontecimentos no cotidiano da Ciranda Infantil.

É preciso salientar que, durante todo o processo de luta pela terra e pela educação no MST, foram produzidos vários documentos, como por exemplo, cartilhas, relatórios diversos, pautas de reivindicações, atas, projetos, jornais, revistas, além de monografias produzidas pelos educandos de cursos formais dos níveis médio, superior e pós-graduação *lato sensu*, que são considerados como fontes documentais nesta pesquisa. Neste sentido, fizemos uma seleção dos materiais que encontramos, estabelecendo um diálogo com o objeto de pesquisa, como: Memória da Ciranda Infantil “Sementinha da Terra” do 1^a curso de Pedagogia da Terra Unijuí – Ijuí/RS, 2001; Relatório da Ciranda Infantil do V Congresso do MST; Relatório do Encontro Nacional de Educadoras e Educadores Infantis em preparação ao V Congresso, ENFF – Escola Nacional Florestan Fernandes, Guararema/SP; o Projeto Político Pedagógico da Ciranda Infantil Saci Pererê, ENFF; e o Caderno de Educação Infantil nº 12 do MST.

As cirandas permanentes e a participação das mulheres nas cooperativas do MST

As Cirandas Infantis Permanentes⁴ surgem no Setor de Produção, Cooperação e Meio Ambiente⁵, tendo como objetivo a elevação de renda das famílias e, desta forma, a participação das mulheres no processo produtivo seria essencial. O Movimento começou a organizar as cooperativas de produção agrícola nos assentamentos entre os anos de 1989 a 1995. Para isso, todas as pessoas dos assentamentos eram convidadas a participar do processo. No início deste trabalho foram organizados os laboratórios de produção⁶.

Para propiciar a participação das mulheres, alguns setores foram organizados tais como: o refeitório coletivo e a creche. Esta experiência se deu de forma mais acentuada em algumas regiões do país: Sul, Sudeste e Nordeste. Segundo Matheus,⁷

Ao criar estes setores, liberava mão-de-obra das mulheres para participar do processo produtivo e crescer a renda da família, ou seja, estes dois setores foram criados com o objetivo de viabilizar a participação da mulher no processo produtivo do assentamento.

Nessa experiência podemos analisar três questões importantes no surgimento das Cirandas Infantis. A primeira questão diz respeito à participação das mulheres no trabalho, pois neste momento, especialmente o Setor de Produção era composto quase que somente por homens. Esta experiência levou o Movimento a discutir a participação da mulher no trabalho e na organização. Assim, as mulheres sem terra começaram a se organizar e discutir a sua participação na luta pela terra no MST. Ao longo do processo,

⁴ As Cirandas Permanentes são estão organizadas nos assentamentos, centros de formação escolas do MST etc.

⁵ Para melhor aprofundamento sobre as cooperativas do MST, recomendamos o Christoffoli (2000) e MST (1991) *Sistema Cooperativista dos Assentamentos* – SCA.

⁶ De acordo com Clodomiro S. Morais (1986), o laboratório de produção é um ensaio prático e real no qual se busca introduzir em um grupo social a consciência organizativa, de que se necessita para atuar em práticas organizadas coletivamente.

⁷ Entrevista realizada com Delwek Matheus em 1/06/2007.

estas mulheres foram se organizando e articulando formas de intervenções, percebendo, então, que teriam que participar da estrutura orgânica do Movimento, ou seja, das suas instâncias de decisões.

A segunda questão a ser analisada nas cooperativas é a vivência no coletivo. Ao ajudar a organizar as cooperativas, os assentados passaram também a vivenciar mais a coletividade. Dessa maneira, todos e todas tinham suas responsabilidades e cada um passou a sentir-se mais responsável pelo coletivo. Para os assentados e as assentadas, a vivência no coletivo teve suas dores, alegrias, medos e desistências, pois viver no coletivo exige sabedoria na tomada de decisões em prol do coletivo. Além disso, as cooperativas em alguns assentamentos proporcionaram uma melhoria nas condições de vida aos trabalhadores e trabalhadoras do campo. Por sua vez, esta experiência mostrou algumas contradições, como a dificuldade de geração de receitas para competir com empreendimentos capitalistas. Este foi um dos motivos do encerramento das atividades de muitas cooperativas no movimento. Cabe ressaltar que as cooperativas no MST foram pensadas a partir de uma lógica de sociedade socialista a ser organizada numa sociedade capitalista. As cooperativas são, portanto, uma das formas de resistência, sobrevivência e permanência dos trabalhadores no campo.

A terceira questão refere-se ao trabalho coletivo. Com a implementação das cooperativas, as pessoas assentadas foram levadas a trabalhar coletivamente, isto implicou em organizar a produção, nas tomadas de decisões sobre o que plantar, na divisão social do trabalho, no planejamento dos gastos, etc. Neste sentido, o trabalho coletivo levou as pessoas assentadas a se apropriarem desses conhecimentos e, ao vivenciar essa prática, gradativamente mudaram seus hábitos, o que se constituiu na realidade macro e micro e possibilitou a troca de experiências, principalmente pela mistura e encontro de diferentes culturas.

Dessa maneira, podemos afirmar que a experiência da Ciranda Infantil surgiu paralelo ao debate de temas importantes como gênero, trabalho e coletividade.

Atualmente, a Ciranda Infantil Permanente está organizada em alguns assentamentos, nos Centros de Formação e nas Escolas do Movimento Sem Terra. O

tempo de funcionamento depende das condições e da realidade de cada assentamento, e também das necessidades das crianças. Para este estudo, realizamos um levantamento nacional das Cirandas Permanente MST⁸.

Tal estudo apresenta um número significativo, considerando os 24 Estados em que o MST está organizado, pois as Cirandas atingem 50% deles. Entretanto, ao olharmos para os números de assentamentos que existem no país, este se mostra pequeno diante da população infantil do campo.

Quadro 1- Levantamento das Cirandas Infantis Permanentes do MST

Estado	Ciranda Permanente nos assentamentos ou acampamentos	Ciranda Permanente nos Centros de Formação	Total de Cirandas
Alagoas	04	00	04
Brasília e Entorno	03	02	05
Santa Catarina	01	01	02
Sergipe	02	02	04
Paraíba	01	01	02
Goiás	00	01	01
Piauí	00	01	01
Espírito Santo	00	01	01
São Paulo *	04	04	08
Bahia	00	02	02
Rio Grande do Sul**	04	03	07
Paraná	07	04	11
Ceará	06	05	11
Minas Gerais	00	01	01
Total	32	28	60

Fonte: Este quadro foi construído pela autora a partir do levantamento de relatos feito junto aos dirigentes nas reuniões do coletivo de educação em 2008.

⁸ Este levantamento foi realizado juntamente aos dirigentes do Setor de Educação em nível nacional, durante duas reuniões do coletivo nacional de educação do MST, nos meses de julho e novembro de 2008. Os outros estados que não aparecem no levantamento é porque têm somente as Cirandas Itinerantes pontuais nos encontros, reuniões, etc. Aqui está incluída a *Ciranda Saci Pererê da Escola Nacional Florestan Fernandes - SP e a**Ciranda Pequeno Colibri – ITERRA - RS.

A organização do ambiente educativo das Cirandas Infantis é feita conforme a realidade onde elas se inserem. Em muitas destas Cirandas, há uma grande dificuldade de acesso aos materiais pedagógicos, porém não é impedimento para a realização de práticas educativas numa perspectiva da emancipação humana. Por ambiente educativo, o MST compreende tudo que acontece na vida da Ciranda, ou seja, a forma como funciona, o que nela acontece e como os educadores se relacionam com as crianças, com as famílias, com a comunidade assentada ou acampada entre outros. É neste espaço que as crianças sem terra constroem as relações entre si, com as pessoas adultas e com a comunidade. Aprendem viver coletivamente, compartilhando suas coisas. Seu José⁹ disse: *As crianças na Ciranda aprendem a respeitar o seu companheiro, criam amizade com as outras crianças e inventam muitas coisas* e Dona Lurdes afirma que *elas aprendem a dividir o lápis, o brinquedo, o lanche, aprendem a brincar além de encontrar com seus amigos*. A Ciranda Infantil é, pois, um espaço de criação, de invenção, de recriar enfim um espaço do ser Criança.

As cirandas Itinerantes e a participação das mulheres nas instâncias do MST

As Cirandas Itinerantes têm data para começar e para terminar, pois são organizadas como espaços pedagógicos para as crianças que acompanham seus pais e mães em algumas ações no processo de luta pela terra. Elas surgem da necessidade de participação das mulheres na luta pela terra, nas instâncias do MST, como também nos cursos, reuniões, congressos, marchas, enfim em todo o processo de luta pela terra. O Estado do Ceará foi um dos primeiros a iniciar esta experiência. Num âmbito Nacional, a primeira Ciranda Infantil Itinerante ocorreu no ENERA - Encontro Nacional dos Educadores/as da Reforma Agrária, em 1997, na cidade de Brasília, com 80 crianças de todo o país. Vale ressaltar que esta Ciranda apresentou vários desafios,

⁹ Seu José e Dona Lurdes são assentados e este depoimento foi colhido, durante a reunião da Ciranda realizada no dia 10 de outubro de 2007, no assentamento "Nova Santa Rita" - SP. Ele e Ela são pai e mãe de crianças que frequentam a Ciranda Infantil.

como por exemplo, a formação de educadores e educadoras e a organização do ambiente da Ciranda Infantil.

No ano de 2000, durante o IV Congresso Nacional do MST, o Setor de Educação organizou uma Ciranda Infantil Itinerante para 320 crianças, provenientes dos 24 Estados do Brasil. O espaço da Ciranda Infantil foi organizado com uma intencionalidade pedagógica: a troca de saberes e de experiências entre as crianças. Esta Ciranda tornou-se uma referência para a organização das Cirandas, por parte do Setor de Educação nos Estados.

Na Marcha Nacional, realizada em maio de 2005, de Goiânia a Brasília, participaram 130 crianças na Ciranda Infantil Itinerante, e, com seus “Pezinhos na Estrada”¹⁰, enfrentaram diversas dificuldades, tais como: o número de educadores era insuficiente para o número de crianças, a infra-estrutura era muito precária para atender às necessidades e os deslocamentos, entre outros.

As dificuldades vivenciadas pelas crianças na Ciranda Itinerante da Marcha levaram o Movimento a olhar de forma mais organizada para a infância sem terra. Desta forma, o debate sobre a infância foi pautado nas instâncias do MST, como Direção Nacional, Coordenação Nacional e em vários Setores.

As Cirandas Itinerantes cumprem um papel fundamental para a participação das crianças na luta pela terra. Assim elas têm acesso a um espaço pensado para elas, além mesmo quando a Ciranda apresenta várias limitações e desafios para com a infância, desde a formação de educadores e educadoras infantis, quanto a preocupação com a infra-estrutura etc.

Em 2007, no V Congresso¹¹ foi montada a Ciranda Itinerante, com 1000 crianças e 300 educadores e educadoras. A Ciranda foi pensada na perspectiva da infância, ou seja, para as crianças de 0 a 12 anos.

¹⁰ O nome escolhido pelas crianças da Ciranda Infantil foi “Pezinhos na Estrada”.

¹¹ O V Congresso do MST aconteceu nos dias 11 a 15 de junho de 2007, em Brasília, com 18 mil delegados vindos de todos os assentamentos e acampamentos do MST em todo o Brasil. A Ciranda Itinerante recebeu o nome de *Paulo Freire*. Para melhor aprofundamento, ver caderno de educação do MST nº 05 da coleção fazendo escola.

Para esta atividade, o MST proporcionou a formação aos coordenadores e das coordenadoras, através de um encontro realizado na Escola Nacional Florestan Fernandes, de 12 a 16 de maio de 2007. Estes vieram participar da formação e ao retornar aos seus Estados trabalharam a formação dos educadores e educadoras infantis. Diante da maneira como foi pensada e organizada esta Ciranda Itinerante, esta propiciou novos rumos para o debate no MST, que já estava sendo inserido desde a Ciranda da Marcha Nacional, isto é, a respeito da necessidade de reeducar o olhar das pessoas adultas com relação às crianças.

Na Ciranda Infantil do V Congresso, muitos fatores ficaram marcados tais como: a organicidade¹², a visita do Ministro da Educação, a acolhida dos educadores e educadoras, e também das crianças e o embelezamento do espaço. Para dar conta deste trabalho com as crianças no congresso, o MST organizou este espaço da seguinte forma: uma coordenação geral, composta por todos os educadores e educadoras que participaram do encontro de formação, envolvendo em média 80 pessoas de todos os estados e de vários setores.

As crianças foram organizadas em grupos conforme sua idade. Ainda dentro destes grupos procedeu-se a formação dos chamados núcleos de base.¹³ Deste modo, a Ciranda Infantil ficou conformada da seguinte maneira:

As crianças de zero aos seis anos se organizaram em três núcleos de base: o primeiro era formado por bebês até um ano de idade (para cada 2 bebês, havia um educador ou uma educadora); o segundo, compreendia bebês de 2 a 3 anos idade (para cada 3 bebês, havia um educador ou uma educadora); e o terceiro, com crianças de 4 a 6 anos de idade (para cada 10 crianças, havia um educador e uma educadora). Havia também mais dois grupos organizados para as crianças com idades de 7 a 8 anos (para cada 10 crianças, havia um educador e uma educadora); e mais um outro

¹² O jeito como o movimento organiza os coletivos das famílias assentadas e das crianças em seus núcleos de bases.

¹³ Núcleos de base é o jeito como as famílias se organizam nos acamamentos e assentamentos para participar da coletividade do assentamento. Este jeito de organizar as crianças tem como objetivo a auto-organização das crianças.

para as crianças de 9 a 12 anos (para cada 10 crianças, havia um educador e uma educadora).

Observando o critério de montagem dos núcleos de base, acima descritos, nos perguntamos: “até quando a separação por idade? Será que não poderíamos ter usado outros critérios e misturar as crianças, independentemente da sua idade?” Sabemos que o processo pedagógico ao misturar as idades é muito mais rico, mas também exige uma formação aprofundada dos educadores e das educadoras, para a realização das atividades com mais qualidade e envolvimento de todas as crianças. Mesmo assim, na organização geral da Ciranda, havia atividades onde todas as crianças se encontravam. O desafio para as próximas é pensar numa organização das crianças independente da idade.

Em nossa análise, as brincadeiras, o teatro, a dança, o desenho, a colagem, o passeio, as negociações, etc., vivenciadas pelas crianças em todos os espaços da Ciranda Itinerante, constituíram elementos fundamentais que possibilitaram a vivência das várias dimensões humanas. Sendo assim, estas atividades levaram as crianças a criar, inventar, sonhar, planejar, negociar, decidir. Portanto, a Ciranda Infantil do Congresso foi este espaço coletivo onde as crianças sem terra tiveram o “privilégio” de vivenciar as várias expressões artísticas. Márcia Gobbi (2004, p. 170), em sua pesquisa sobre os desenhos de crianças pequenas em Mário de Andrade, afirma:

(...) a arte não didatizada que permite a criação, a invenção, a expressão, a busca pelas soluções, que de forma coletiva e individual se encontram apoiadas num território da infância e para a infância, onde a cultura infantil seja construída e reconhecida, com exposições, impregnando as paredes e os olhos de quem circula os espaços vendo as marcas das crianças, que se tornam históricas.

No cotidiano da Ciranda Itinerante houve muitas tensões, pois o número de crianças era grande, e isso aumentava consideravelmente a responsabilidade dos educadores e educadoras. Além de que, este e todos os espaços do congresso foram montados em áreas abertas próximas ao Ginásio Nilson Nelson. Por isso, alguns

episódios, como por exemplo: a criança que sumiu do seu núcleo de base, deixando os educadores e as educadoras numa grande tensão. Acompanhamos este episódio. No intervalo do almoço, os pais ou responsáveis pelas crianças começaram a chegar para pegá-las. Neste dia, eu estava acompanhado o núcleo de base de 3 a 4 anos¹⁴. Aconteceu que:

Os pais foram chegando e os educadores foram entregando as crianças. Em certo momento, no final do dia, chega uma mãe, e os educadores não encontram o seu filho. Os educadores procuram a criança nos outros grupos da mesma idade e não encontram. Assim, os educadores começam a ficar tensos. Procuram em outra barraca vizinha, na barraca de atividades comuns para todos, e nada da criança. A mãe começou a chorar. Os educadores ficaram cada vez mais tensos e nervosos. Enfim, procuramos a coordenação geral da ciranda para ver que decisão tomar diante deste fato. Uma das decisões tomada pela coordenação foi colocar um anúncio na rádio-poste para ver se a criança aparecia. Quando saímos para fazer isso, passei em uma das barracas das crianças maiores de 5 a 6 anos. Estas crianças estavam numa atividade de dança e na maior "folia". Parei e fiquei olhando a criançada se divertindo. Quando olhei direito para as crianças, olha só quem estava lá, o Gabriel que estava perdido, dançando, pulando, enfim, brincado com as outras crianças maiores¹⁵.

Através deste episódio notamos a importância das misturas das idades, pois as crianças têm outros critérios para escolher suas brincadeiras e com quem brincar. E, do ponto de vista da transgressão, Finco (2004, p. 89) na sua pesquisa sobre relações de gênero com crianças pequenas afirma que:

Meninos e meninas, em brincadeiras coletivas, movimentam-se, circulam e agrupam-se de diferentes formas. Nesses movimentos (...) há as transgressões e as resistências aos modelos pré-determinados de brincadeiras e comportamentos de meninos e meninas. Eles e elas são capazes de múltiplas relações, estão a todo o momento experimentando diferentes formas de brincadeiras, buscando novos prazeres, por possuírem curiosidade e vontade de conhecer o mundo. Ao encontrarem espaço para a transgressão, vão além dos limites do que é pré-determinado. (...)

¹⁴Nessa faixa de idade havia 187 crianças, assim elas forma divididas em pequenos grupos de aproximadamente 10 crianças cada, formando o núcleo de base.

¹⁵Episódio registrado no meu caderno de campo no dia 12 de junho de 2007, quando acompanhava a Ciranda do Congresso, tanto como pesquisadora, quanto como militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Terra.

Assim foi todo o processo da Ciranda Itinerante, marcado pelas tensões por parte dos educadores e educadoras, e pelas transgressões por parte das crianças. Durante todo o processo de atividades, os Sem Terrinha mostraram que a infância pode ter sentidos diversos daqueles que predominam na atitude das pessoas adultas em relação às crianças.

Deste modo, o Movimento Sem Terra vem desenvolvendo sua experiência de Ciranda Infantil, tentando superar os desafios, os limites que a realidade impõe aos movimentos sociais do campo. Diante desses desafios postos percebemos que o processo de organização e de implementação das Cirandas Infantis do MST, junto à sua base social, tem um caminho longo a ser feita para que todas as crianças sem terrinha tem acesso as mesmas.

Analizamos que a Cirandas Infantis é uma experiência significativa, pois, ela emerge da experiência da vida, de luta, das culturas vivenciadas pelas crianças do campo, enfim, trás as marcas de um projeto de campo que está sendo construído pelos Movimentos Sociais do Campo. Este processo pedagógico transcende as portas e janelas da Ciranda Infantil e depende do contexto cultural em que a criança está inserida.

Considerando que nas Cirandas Infantis participam as crianças que acompanham seus pais no processo de luta pela terra, as relações sociais estabelecidas entre elas se dão através da vivência coletiva, assimilando os valores, tanto os enraizados da sociedade capitalista quanto os que se constroem a partir das vivências coletivas numa perspectiva de uma educação emancipadora. É na constante relação dialética entre estes valores distintos, advindos de modelos de sociedades diferentes, que se estabelece o jeito de ser e de relacionar-se. As relações se constroem no cotidiano como, por exemplo, a coletividade, o companheirismo, as relações de gênero e etnia. Ainda assim, as crianças vão se constituindo como sujeito lúdico, resignificando seu brincar e sua experiência cultural. Como disse Florestan

Fernandes (2004, p. 115) em seu estudo ao observar as brincadeiras das crianças na cidade de São Paulo:

A existência de uma cultura infantil, que é constituída por elementos exclusivos das crianças caracterizados pela natureza lúdica, cujo suporte social está no grupo infantil em que a criança se apropria, pela interação, dos diversos aspectos do folclore infantil. Questiona sobre a origem desses elementos da cultura infantil, e acredita que na grande maioria são [...] elementos da cultura adulta, incorporados à infantil por um processo de aceitação e nela mantidos com o correr do tempo.

Observa-se que as crianças estão em constante movimento e, estas atividades contribuem para elevar a autonomia. É no coletivo infantil que está a possibilidade de despertar nas crianças vivências de uma verdadeira prática de educação emancipadora. É, também, nesta coletividade que as crianças vão se apropriando de elementos que contribuem no seu processo de formação que faz de seu tempo de infância, um movimento pedagógico em luta; luta pela terra, pela Reforma Agrária, pela transformação da sociedade, entre outros. O potencial emancipatório das Cirandas Infantis, ao qual nos referimos, revela-se a partir da compreensão de que a luta pela terra não se encerra apenas com a sua conquista, ou seja, é preciso ir além, a sociedade precisa ser transformada em todos os níveis: econômica, política e sócio-culturalmente. Este é um aspecto crucial do ponto de vista da autonomia na organização do trabalho pedagógico nas Cirandas Infantis Itinerantes e Permanentes do MST. Para Mészáros, (2005, p. 38)

(...) A educação emancipatória significa internalizar outros valores contrários à ordem social do capital; deste modo a questão apontada caracteriza um grande desafio teórico e prático.

Nesse sentido, pensar o assentamento ou o acampamento a partir dos sujeitos significa pensar também as crianças no processo de produção na sua plenitude, com suas necessidades, avanços e limites, porque elas ajudam a organizar sua existência, trazem consigo limites próprios do processo a que foram submetidas ao longo de suas

vidas. Entendemos que as crianças e os assentados são frutos de uma sociedade capitalista que fez e continua fazendo estragos na vida das pessoas, deixando suas marcas na sua forma de pensar e agir, de relacionar-se, com as suas escolhas e preferências.

Ainda assim, as crianças têm a oportunidade de vivenciar a *dimensão lúdica e a revolucionária*, pois a *dimensão lúdica*, por excelência, deve estar em todos os espaços, pois é a partir dela que se instiga nas crianças a curiosidade, o buscar conhecer as coisas, saber como funciona o mundo, ou seja, é o princípio básico para as crianças começarem a querer conhecer tudo que está a sua volta e a *dimensão revolucionária* tem esse caráter transformador, porque inaugura um processo de mudança, no modo das crianças perceberem o mundo, a partir das experiências da luta pela terra. Assim também, elas somam-se às crianças quilombolas, indígenas, ribeirinhas e às sem tetos, etc., na luta contra as desigualdades sociais, multiplicando assim as vitórias coletivas e, enchendo o campo e a cidade de alegria, sonhos e utopia; com possibilidade de construir uma educação emancipadora, vinculada a um projeto da classe trabalhadora.

Referências bibliográficas

FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FINCO, Daniela. *Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher: relações de gênero nas relações de meninos e meninas na pré-escola*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas (Faculdade de Educação, UNICAMP), Campinas.

GOBBI, Márcia Aparecida. *Desenhos de outrora, desenhos de agora: os desenhos de crianças pequenas do acervo de Mário de Andrade*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas (Faculdade de Educação, UNICAMP), Campinas.

MÈSZÁROS, István. *A Educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOVIMENTO SEM TERRA. Educação Infantil: Movimento da vida, Dança do Aprender. *Caderno de Educação*, São Paulo: MST, nº. 12, novembro 2004.

ROSSETTO, Edna Rodrigues Araújo; GOMES, Maria de Jesus dos Santos; PENA, Vicentina Ferreira. *Sistematização da Ciranda Infantil Sementinha da Terra*. UNIJUI – Ijuí, 2001, RS.